

Auto da Floripes

Resumo

Registo integral do Auto da Floripes representado nas Neves, no dia 5 de Agosto de 2016. Este auto é representado por habitantes das freguesias de Mujães, Barroselas e Vila de Punhe, no Vale do Neiva, Viana do Castelo. O lugar das Neves é o ponto de encontro entre estas 3 freguesias. Relata as aventuras imaginárias de um exército de Carlos Magno em confronto com um suposto exército Turco da Hispânia com especial atenção a um combate-debate-dança entre dois heróis: Oliveiros e Ferrabrás. A personagem Floripes, irmã de Ferrabrás e única presença feminina da peça, tem um papel desbloqueador do enredo. Com origem no romance de cavalaria "História de Carlos Magno" publicado em francês no fim do sec. XV, o texto em que se baseia este auto foi traduzido e publicado em português (a partir da versão espanhola) no sec. XVIII.



2016. Duelo de Ferrabrás com Oliveiros. Imagem retirada do registo vídeo de Memória Imaterial CRL para o e-museu memoriamedia.net

Caracterização

O Auto da Floripes é uma prática performativa de periodicidade anual. É preparada pelos habitantes das freguesias de Mujães, Barroselas e Vila de Punhe, no Vale do Neiva, Viana do Castelo e levada a cena no largo do lugar de Neves no dia 5 de Agosto, integrado nos festejos a Nossa Senhora das Neves.

A peça conta um episódio de cavalaria, imaginário, que mistura referências históricas com figuras reais e ficcionadas de várias épocas. Insere-se no conjunto de eventos teatrais tradicionais que opõem cristãos a mouros. Estes eventos são comuns em celebrações tradicionais ibéricas. Neste caso os mouros são substituídos por turcos e é dada uma grande importância ao duelo, sobretudo verbal e ideológico, entre dois heróis: Oliveiros e Ferrabrás. A personagem Floripes, irmã de Ferrabrás e único personagem feminino da peça, tem um papel desbloqueador do enredo.

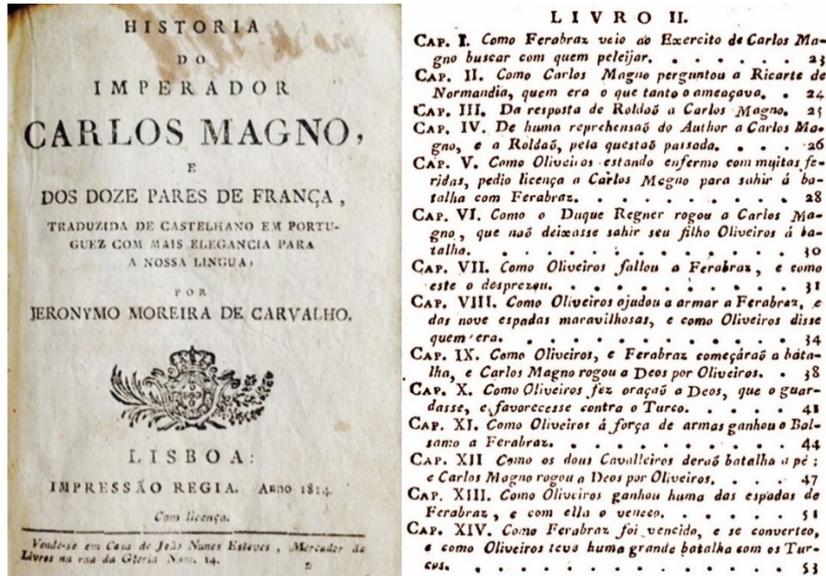
A performance obedece a um guião textual e cénico preciso que é transmitido geracionalmente, com poucas variações. Inicia com os cristãos posicionados no espaço cénico, sinalizando a posse do território, enquanto os turcos percorrem o lugar em desfile acompanhado por uma banda filarmónica, até entrarem no espaço cénico, invadindo-o. Desenvolve-se segundo um retângulo estreito que tem um exército em cada ponta, enfrentando-se em sucessivas escaramuças, duelos e negociações até à vitória dos cristãos e conversão dos turcos. Os combates são coreografados em movimentos fixos ao som das bandas ou de um percussionista, conforme o momento.

Os figurinos e adereços são assegurados pela comunidade, bem como o espaço cénico. Este evoluiu recentemente, passando de um tablado comprido colocado no centro da praça com o público disposto dos dois lados mais longos e as bandas musicais a ocupar as extremidades logo atrás dos exércitos, para um palco de grandes dimensões e altura que só permite o público em plateia, atrás das bandas que se sentam imediatamente a frente da boca de cena.

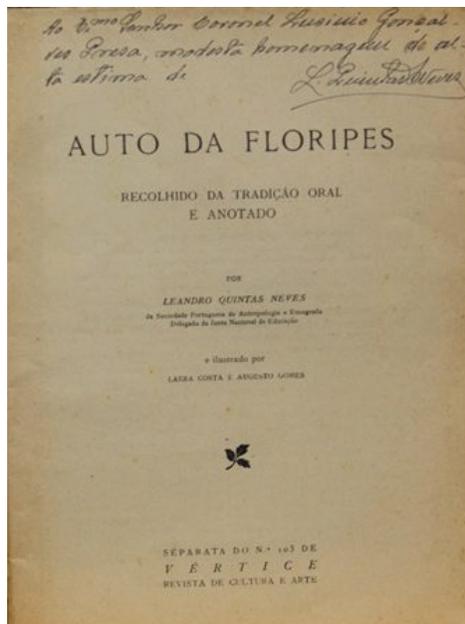


Floripes e Brutamontes. Imagem retirada do registo vídeo de Memoria Imaterial CRL para o e-museu memoriamedia.net

Origem historial



O guião escrito tem origem no romance de cavalaria "História de Carlos Magno" publicado em francês no fim do sec. XV, o texto em que se baseia este auto foi traduzido e publicado em português (a partir da versão espanhola) no sec. XVIII. Apesar de ser clara esta origem literária do guião, o mesmo foi transmitido oralmente por várias gerações iletradas até voltar a ser fixado em texto por volta de 1940 por Leandro Quintas Neves. Provavelmente foi nesta altura que se redescobriu a relação deste espetáculo com o romance de cavalaria e se voltou a designar o exército invasor como "turco" em vez de "mouro" como é comum em tantas manifestações teatrais relacionadas com esta.



Leandro Quintas Neves, texto do auto recolhido em 1940

A performance remete para o teatro de tablados das épocas medieval, renascentista e barroca. Uma conceção desenvolvida a partir de textos, relatos e imagens de espetáculos similares um pouco por toda a Europa. De Gil Vicente ao Século de Ouro Espanhol reconstruiu-se uma ideia de espaço cénico para teatro de exterior que se adapta a este espetáculo, o que parece indicar uma origem para este auto algures entre os Sec. XIV e XV, à semelhança de outros que se encontram registados, como o Patum de Berga (Catalunha, 1454). Mas se notarmos as semelhanças (o tema, a propensão para o debate ideológico, a personagem-chave feminina) com o auto “Os Sete Infantes de Lara” que foi muito comum na região norte, Galiza e Leão, podemos recuar até 1130, a altura em que foi fixado em texto na Crónica Geral de Espanha escrita por Alfonso X, rei de Leão e Castela. Esta comédia (que tem a conotação de drama em mirandês) “Os sete infantes de Lara” foi representada em Portugal na zona de Miranda do Douro até ao sec. XX em tablados ao ar livre, bem ao modo medieval, ilustrando como nenhum outro exemplo a persistência de algumas performances tradicionais em localidades isoladas.

Mas, apesar destes indícios, a mais antiga referência escrita ao Auto da Floripes aparece apenas no sec. XIX no Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1860, de Alexandre Magno de Castillo, que relata o drama de Ferrabrás e Floripes, já a realizar-se no mesmo lugar onde mais tarde é referenciado por outros autores. De notar que neste relato os participantes aparecem todos a cavalo desfilando lado a lado. O registo indica que se tratam de mouros (e não turcos) e que se vestem à moura embora os nomes dos personagens remetam para os turcos do romance acima referido.



Turcos e Cristãos. Imagem retirada do registo vídeo de Memoria Imaterial CRL para o e-museu memoriamedia.net



Tablado com público de ambos os lados e banda colocada ao fundo do palco, imagens retiradas do registo em filme de 1958 do Cine-Clube do Porto, realizado por António Lopes Fernandes.

O registo em filme deste auto efetuado em 1959 pelo Cine-clubes do Porto apresenta ainda o sistema de tablado com plateia de ambos os lados e as bandas posicionadas nos extremos do tablado, atrás dos exércitos e do espaço de prisão (onde estão os soldados cativos). Regista ainda uma certa caracterização “colonial” do exército cristão (equipado com armas de fogo) face a um exército turco armado de espadas. As armas de fogo foram abandonadas no fim da década de 1960. Nesse filme aparece o último homem (António Miranda) a encarnar Floripes, o personagem feminino da peça. A partir de 1962, Maria Eulalia Viana torna-se a primeira mulher a desempenhar este papel. Susana Lima foi Floripes nos últimos 15 anos do Auto.



António Miranda e Susana Lima



Espaço cénico em 2016. Imagem retirada do registo vídeo de Memoria Imaterial CRL para o e-museu memoriamedia.net

No registo de 2016, o espaço cénico deslocou-se para um dos extremos do largo das Neves, onde se montou um palco de grandes dimensões que é utilizado para uma série de espetáculos durante estas festividades, ao contrário do seu predecessor que só servia o Auto. Cristãos e Turcos enfrentam-se em danças com espadas e lanças, as prisões deslocaram-se para o centro recuado da cena e a banda ocupa o lugar logo à frente da boca de cena. A altura do palco passou para um metro, fazendo com que assistência se posicione mais atrás para ter visibilidade. Os personagens utilizam microfones portáteis reduzindo o problema da distância em relação ao espectador e o som de fundo habitual de um ajuntamento festivo.

É significativa a mistura de gerações entre os intervenientes e a juventude dos organizadores. As entrevistas dos praticantes revelam a importância identitária que esta manifestação tradicional mantém para a comunidade



Embaixada de Carlos Magno ao Almirante Balaão. Floripes liberta Oliveiros e pares de França. Imagens retiradas do registo vídeo de Memoria Imaterial CRL para o e-museu memoriamedia.net

A partir de 1973, a deslocação de uma representação do auto a Lisboa a convite da Fundação Calouste Gulbenkian que também financia a publicação de um estudo sobre o Auto da Floripes, inicia-se uma época em que a comunidade aceita a deslocação da performance a outros espaços e contextos.

Participantes do Auto da Floripes em 2016

Cristãos

Carlos Magno: Luís Franco
Oliveiros: João Pereira
Guarin: Nuno Fernandes
Roldão: Avelino Liquito
2º Soldado: Rafael Trindade
Urgel: Diogo Neves
4º Soldado: Gabriel Maciel
Richard: Bruno Melo
6º Soldado: José Rocha
7º Soldado: Pedro Dias
Galalão: Ivo Franco
Porta-bandeira: Bruno Guimarães

Turcos

Almirante Balaão: Joaquim Frutuoso
Ferrabrás: Marco Novo
Brutamontes: Joaquim Castro
Floripes: Susana Lima
D. Pelinirão: André Chaves
2º Soldado: Tomé Sousa
3º Soldado: João Paulo Araújo
4º Soldado: Rafael Gonçalves Freitas
5º Soldado: Eduardo Amorim
6º Soldado: João Neves
7º Soldado: Telmo Costa
8º Soldado: Vítor Faria
Porta-bandeira: Pedro Rego

Tocador de caixa: Bruno Viana

Auxiliares: Bruna Mimoso e Margarida Novo Martins

Banda: Banda Escuteiros de Barroelas

Maestro: Álvaro de Sousa

Coordenador musical: Paulo Afonso

Encenador: Marco Novo

Entidade responsável: Núcleo Promotor do Auto da Floripes 5 de Agosto e Comissão de Festas em Honra da Senhora das Neves

Coordenação e organização: Núcleo Promotor do Auto da Floripes 5 de Agosto

Bibliografia e citações complementares

BRAGA, Teófilo, (1898) *Eschola de Gil Vicente e desenvolvimento do teatro nacional*, Porto, Livraria Chardron, sucessores Lello & irmão. In <https://archive.org/details/escholadegilvic00braggoog>. [Consultado, janeiro, 2017]

“Na romaria da Senhora das Neves, no Minho, é costume representar-se o Auto de Ferrabrás e Floripes, em que entram quinze cavalleiros, formando duas filas, uma com os Doze Pares, tendo á frente Carlos Magno, e outra de Mouros commandados pelo Almirante Balão; é depois do combate, em que sempre ficam vencidos os Mouros, que sobem ao tablado e se declamam os versos. Esta forma dramática relaciona-se com as Dansas, e Paradas que tem o nome de *Mouriscadas*. São em geral exhibidas pelas festas de San João. Descreve José de Torres uma Mouriscada na ilha de S. Miguel, no adro da igreja do Bom Jesus na freguezia de Rabo de Peixe : 'De uma extremidade do adro corre sobre a praça tablado elevado: é o palco scenico. São moiros scenario e vestuário . . . Tratam alli amores e raptos e consorcios, ou combates de morte... e no meio da fingida confusão e alarido, o povo ri, applaude sem entender, viverêa o embaraço dos actores improvisados.' Também na procissão da Senhora do Carmo, de Vianna do Castello, em 23 de julho, são frequentes as *farças mouriscas*; escrevia um correspondente para um jornal do Porto em 1877 : A dansa que obteve mais fama e mais luzido credito foi a do Rei da Mourama, uma espécie de rusga entre catholicos e mouros, os quaes, como era lógico, apanhavam grossa pancadaria dos defensores da fé, no meio de muita algazarra dos espectadores devotos” (Braga, 1898: 524-525).

“Nas suas Reflexões históricas, impressas em 1835, João Pedro Ribeiro falando de algumas usanças escreve: 'É também de esperar que ainda se conserve junto a Coimbra a burlesca mascarada do *Imperador de Eiras*, e até a haverá em Lisboa na Lapa e na Esperança [...] Apesar de tantas providencias e reformas, ainda cheguei a ver na Procissão do Corpo de Deus, do Porto, a *Serpe*, o *Drago* e a sua *Dama*. Foi preciso que o respeitável bispo D. João Rafael de Mendonça, auxiliado pelo Corregedor então actual da comarca reduzisse a mesma Procissão aos termos do cerimonial romano. Hoje apenas resta n'aquella Procissão o chamado *Estado de S. Jorge...*'” (id.Ibidem: 524-525)

“Se organisassemos um inquerito sobre as manifestações do teatro popular em Portugal, reuniríamos materiaes para um interessante livro de ethnographia. Mas os factos que ficam apontados bastam para se reconhecer, que o velho teatro hieratico subsistiu sempre através de todas as prohibições das Constituições episcopaes e Indices Expurgatórios, e mesmo do desprezo dos eruditos” (id.Ibidem, p. 529).

RAPOSO, Paulo (1998) “O Auto da Floripes: “cultura Popular”, Etnógrafos, Intelectuais e Artistas” in *Etnográfica*, Vol. II (2), 1998, pp. 189-219. In

http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_02/N2/Vol_ii_N2_01pauloraposo.pdf [Consultado, janeiro, 2017]

“Justamente, em termos da sua fixação etnogeográfica, o Auto da Floripes pode ainda ser enquadrado como um exemplar aparentado a outras manifestações que formam um agrupamento multiforme de coreografias dramatizadas de lutas entre mouros e cristãos, com maior ou menor presença de texto: Auto dos Turcos de Crasto (Ponte Lima), Auto de Santo António da Portela-Susã (Viana do Castelo), Drama dos Doze Pares de França de Palme (Viana do Castelo), Comédia dos Doze Pares de Argozelo (Vimioso), Auto do Mouro e do Cristão de Franqueira (Galiza), Descoberta da Moura de Vale Formoso (Covilhã), Baile dos Turcos (Penafiel), Comédia dos Mouros e Portugueses de Pechão (Olhão), Dança dos Bugias e Mourisqueiros do Sobrado (Valongo), Dança dos Pedreiros de Penamaior (Paços de Ferreira). Curiosamente, é o próprio Auto da Floripes das Neves (Viana do Castelo) que mantém ainda uma maior regularidade de representações, juntamente com a Dança dos Bugias e Mourisqueiros; todos os outros, ou foram desaparecendo nas duas últimas décadas, ou perderam o fulgor de outros tempos realizando-se apenas esporadicamente.” (Raposo, 1998, 194)

MARTINS, Moisés de Lemos e **PALINHOS**, Jorge (2011) “Teatro Popular português – Auto da Floripes e as origens e significado do teatro do espaço lusófono” in *Ensaio Geral*. Belém, v.5, nº 0, jul-ez2011 in https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30067/1/MLM_teatro_popular_portugues.pdf [Consultado, janeiro, 2017]

“Esta constatação confirma a ideia de que o teatro popular foi beber os seus conteúdos á cultura erudita. No entanto, torna-se necessário matizar a ideia de que O Auto da Floripes tenha ido buscar a sua inspiração diretamente aos tomos publicados da historia de Carlos Magno. Sabe-se que até o inicio do seculo xx, a esmagadora maioria da população portuguesa era analfabeta, pelo que é pouco credível pensar que alguém nas zonas rurais pudesse ter livros em casa, quanto mais adapta-los para literatura dramática.

Adicionalmente, não é apenas no lugar das Neves que encontramos a exploração dramática do ciclo carolíngio. Na verdade, este parece ter sido um tema recorrente, sendo possível encontrar a temática por todo o país. Maurício Guerra apresenta, alias, um quadro sinóptico (1982, p. 42-43) onde identifica varias peças de temática cavaleiresca, nomeadamente o Auto dos Turcos de Crasto, de Ribeira, em Ponte de Lima, O Auto de Santo António, em Portela Susa, Viana, o Auto da Floripes, no lugar das Neves, o Drama dos Doze Pares de França, em Palme, Barcelos, a Comedia dos Dozes Pares, em Argozelo, Vimioso, a Descoberta da Moura, em Vale Formoso, Covilhã, o Baile dos Turcos, em Penafiel, a Comedia de Mouros e Portugueses em Pechão, Olhão, a Dança de Bugios e Mourisqueiros de Sobrado, Valongo, e a Dança dos Pedreiros, de Penamaior, Paços de Ferreira, etc .. Outros autores reportam a presença do tema ainda nas danças de Carnaval açorianas, e até Camara Cascudo identifica, em Cinco Livros do Povo, como um dos principais temas da cultura popular do Nordeste brasileiro.” (Martins e Palinhos, 2011: 119).

FRANCO, Luís Alberto Dias, (2011) *Auto da Floripes*. Auto da Floripes Núcleo Promotor: Neves, Viana do Castelo. In https://issuu.com/autodafloripes/docs/auto_da_floripes [Consultado, janeiro, 2017]

Contém texto integral do guião do Auto da Floripes.

Manifestações Associadas

Festas em honra de Nossa Senhora das Neves, 2 a 6 de Agosto.

PC Material Associado

Figurinos de “turcos” e “cristãos”, adereços.



Registo Vídeo e Inventário

VÍDEO: Eva Ângelo , Maria Ana Krupenski, José Barbieri

MONTAGEM: Rafael Del Rio

REALIZAÇÃO: José Barbieri

COORDENAÇÃO: Pedro Rego, Núcleo Promotor do Auto de Floripes

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: João Paulo Pacheco

INVENTÁRIO: José Barbieri

REVISÃO: Filomena Sousa